

Paideia: a base cultural do desporto

Paideia: the cultural base of the sport

MONTEIRO, A de O; MORAES, J C; CARMONA, E K. Paideia: a base cultural do desporto. *R. Bras. Ci. e Mov.* 2014; 22(1): 181-186.

RESUMO: Neste texto buscamos trazer uma reflexão acerca de um elemento sócio-histórico-cultural capaz de representar todos ou quase todos os povos, nações e países do planeta: o desporto. Valemo-nos da filosofia da Paideia Antiga e de personagens míticos para percorrer a história do desporto e, ainda, paralelamente, da humanidade, visto que o próprio desporto é uma construção essencialmente humana. Ao mesmo tempo em que tentamos resgatar alguns dos temas mais valiosos e que deram origem e sentido a sua prática, buscamos trazê-los para a atualidade, pois, além de relembrar e mostrar sua importância cultural e histórica, a substância filosófica, pedagógica e axiológica faz-se necessária para compreender a Beleza do fenômeno desportivo. Cabe ressaltar que entendemos e tratamos o desporto como um sistema de códigos e de símbolos que tem muitas coisas implícitas as quais são necessárias investigar, lembrar e resgatar, apresentando aquilo que no desporto transcende as aparências e é motivo de valor, de nobreza, de beleza e, como os antigos queriam, de reflexão e contemplação. O desporto se nutre do agon, que é o seu mais importante agente pedagógico, o qual se torna presente na competição e que deve ser motivo de reflexões mais profundas. O local de competição ou disputas é entendido como sagrado e como lar ancestral da diversidade das manifestações humanas, onde vemos ou realizamos, por exemplo, uma ação desportiva que nos causa assombro e que nos desperta a alma, e desta forma atingimos o Kalos. A consciência pedagógica aconselha que diante da vitória e da derrota devemos adotar uma atitude de simplicidade e de serenidade, para assim haver aprendizado com e no desporto. Devemos entender o talento desportivo enquanto uma dádiva a luz da aretê: a fórmula divina que nos deixa apaixonados pela vida. A realização dos talentos nos eleva e dignifica, conforme a eterna Paideia.

Palavras-Chaves: Paideia; Desporto; Filosofia.

ABSTRACT: In this text we search to bring a reflection concerning a social-historical-cultural element capable to represent all or almost all the peoples, nations and countries of the planet: the sport. We used the philosophy of the Old Paideia and mythical personages to cover the history of sport and, still, parallel, of the humanity, as the proper sport is a construction essentially human being. At the same time where we try to rescue some of the subjects most valuable and that they had given origin and sense to the practice, we search to bring them for the present time, therefore, beyond remember and showing its cultural and historical importance, the philosophical, pedagogical and axiological substance becomes necessary to understand the Beauty of the sporting phenomenon. It fits to stand out that we understand and we deal with the sport as a system to codes and symbols that has many implicit things which are necessary to investigate, to remember and to rescue, presenting what in the sport it exceeds the appearances and it is reason of value, nobility, beauty and, as the old ones wanted, of reflection and contemplation. The sport if nourishes of agon, that is its more important pedagogical agent, which if becomes present in the competition and that it must be reason of deeper reflections. The place of competition or disputes is understood as sacred and as ancestral home of the diversity of the manifestations human beings, where we see or we carry through, for example, a sporting action that cause us haunt and awakens the soul, and this way we reach the Kalos. The pedagogical conscience advises that ahead of the victory and the defeat we must adopt a serenity and simplicity attitude, thus to have learning with and in the sport. We must understand the talent sporting while a gift the light of aretê: the divine formula that in leaves them gotten passionate for the life. The accomplishment of the talents in raises them and dignifies, as the perpetual Paideia.

Key Words: Paideia; Sport; Philosophy.

Contato: Alberto de Oliveira Monteiro - oliveira.monteiro@ufrgs.br

Alberto de Oliveira Monteiro¹
José Cicero Moraes¹
Eduardo Klein Carmona¹

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Recebido: 10/09/2013
Aceito: 05/02/2014

Introdução

Uma vez que o desporto nasceu sob a égide da cultura grega, temos a intenção de olhar para aquele tempo e para aquela cultura, tentando resgatar alguns dos temas mais valiosos e que deram origem e sentido a sua prática. Um dos temas mais candentes da tradição clássica, é aquele que trata do legado cultural e educacional: a Paideia. Desta forma, nossa abordagem será amparada pela aproximação à filosofia da Paideia Antiga.

Acompanhem-nos por esse extraordinário caminho trilhado pela comunidade humana que, pelas suas façanhas, dedicou as suas vidas, ao longo de mais de 2700 anos, para escrever, com sangue, suor, lágrimas e muita alegria, paixão e amor, as páginas deste universo único, diverso e nunca acabado, mas genuinamente humano: o desporto!

O nosso interesse é, uma vez que o desporto se desenvolve no cerne da cultura grega, olhar para aquele tempo e para aquela cultura, tentando resgatar alguns dos temas mais valiosos e que deram origem e sentido a sua prática. Trazê-los para a atualidade significa relembrar, além dos momentos de sua importância histórica, a substância filosófica, pedagógica e axiológica que sustentou a Beleza do universo desportivo e que o racionalismo instrumental da modernidade nos convenceu a deixar no “porão” da cultura.

Diante do exposto, devemos perguntar, juntamente com Costa¹, de onde “tira o desporto toda a sua força misteriosa que faz dele um fenómeno que quanto mais estudamos, mais o mistério parece insondável? (p.14)”. Há um segredo no seu interior que nos cativa e encanta; algo que, embora silencioso, nos arrebatava para a sua prática e para o seu estudo. Será a sua diversidade? Será que existe uma unidade que orienta, sustenta e inspira a diversidade do desporto? O que nele nos fascina e nos embriaga? Qual o cerne da experiência desportiva? São perguntas muito difíceis de responder.

O desporto,; um fenómeno sócio-histórico-cultural

A nossa primeira apreciação está em reconhecer que tudo que acontece no desporto é importante para sua projeção e constante atualização como uma das atividades de maior relevância da história da humanidade: um verdadeiro hino à diversidade. Mas concordamos com Alan Watts² quando diz que a nossa experiência sensível é o resultado de uma imanência explícita de uma transcendência implícita. Afinal, o desporto, como um sistema de códigos e de símbolos, tem muitas coisas implícitas que são necessárias investigar, lembrar e resgatar.

Temos a impressão que, no desporto, quando o implícito (o mistério, a magia) se liga ao explícito (o movimento, o objetivo, o ato), o resultado é o surgimento, conforme Campbell³, da potência criativa cuja expressão está ligada à Beleza fundamental.

O filósofo pré-socrático Heráclito (535 a.C. - 475 a.C.), em certa ocasião, disse que “ninguém entra duas vezes no mesmo rio”; nem a pessoa nem o rio são os mesmos em

momentos diferentes. Mas o que não ficou dito, é que há algo naquele cenário que não muda, que é eterno: a Beleza que inspirou o filósofo.

No fundo aquilo que buscamos é que as nossas tarefas sejam permeadas por essa ideia de singularidade e Beleza que o desporto, em tantos e tantos momentos, nos convida a servir de testemunha, como, por exemplo, quando um desportista, num momento de graça, fluidez e verdade, realiza um feito inédito, maravilhoso e extraordinário. Parece que, pelo raio enviado por Zeus, uma chama se acende e ilumina a vida de todos que fizeram parte daquele momento. Talvez tenham sido esses os momentos que acabaram por inspirar Píndaro (518 a.C. - 444 a.C.) a registrar, em poesia, os feitos de vários atletas. Feitos esses, que, embora fugazes, efêmeros e breves, pela pena do poeta tebano, se tornaram eternos.

Por isso, precisamos reconhecer, talvez recordar, aquilo que no desporto transcende as aparências e é motivo de valor, de nobreza, de beleza e, como os antigos queriam, de reflexão e contemplação. Vamos a uma pequena parte desta riquíssima diversidade dos sentidos do desporto.

A competição, o espaço, a derrota e a vitória

A alma da competição é constituída por uma dupla face: o *agon* e o *lúdens*. Aqui vamos comentar sobre a esfera que gera maior controvérsia: a do *agon*. É do conhecimento de todos que, na cultura helênica, o *agon* se manifestava nos jogos desportivos, nos debates jurídicos e nas contendas de poesias.

Na Teogonia, de Hesíodo, podemos notar o combate cósmico travado entre os deuses e os titãs pela harmonia ou pelo caos do universo. Por outro lado, a luta dos heróis desportivos, independentemente do nível do desafio, é uma gesta simbólica que tem como meta a conquista da ordem do microuniverso humano.

O desporto se nutre do *agon* e é o seu mais importante agente pedagógico, pois, conforme bem observou Bento⁴,

[...] o desporto exhibe um estatuto moral e cultural precisamente por ser um jogo de confronto, ou competição. Em que as pessoas se opõem umas às outras, para medir forças, para sustentar a aposta de querer ser manifestamente melhor, mais forte e mais rápido e chegar mais alto e mais longe (p.16)⁵.

Ou seja, mais do que a luta pela conquista de um resultado, aquilo que chamamos de espírito agônico trata-se de um combate que o homem trava consigo mesmo para superar os seus limites e a sua condição⁵. Assim, o *agon* representava a unidade sagrada dos seres humanos no embate contra as forças das limitações e das sujeições, cuja marca era a confiança e a esperança de saírem vencedores das batalhas, tanto internas como externas, de uma competição cósmica chamada vida.

Mas, infelizmente, a sociedade como um todo adotou da palavra *agon* apenas uma das suas derivações: agonia. Para Salis⁶, *agon* significa muito mais do que isso: é a

competição como a busca da perfeição, como a busca do Belo, da excelência, porém com esforço, perseverança e o risco do sofrimento. Por isso, ficou essa ideia de agonia como sofrimento, ou seja, segundo o mesmo autor, perdemos o melhor da palavra. Trata-se de entender que a busca por desafios desportivos nos leva à aproximação do transcendente, mas conterà necessariamente riscos. O Belo contém riscos sim! A excelência também! E Savater⁷ completa dizendo que a excelência não é um hábito higiênico: é antes arriscar-se à armadilha terrível do momento que não volta e sair-se bem.

E por isso os agones eram simbolicamente a prova de se colocar ante a face divina, na tentativa de suplantar a mediocridade e alcançar a excelência por seus próprios méritos e por seus talentos: um ritual de transcendência!

O local onde aconteciam os embates desportivos, sejam de que nível for, era, e ainda é, como se fosse um portal da excelência, e tudo que acontecesse no seu interior era considerado sagrado: era como se estivéssemos em outra dimensão, onde os deuses estavam presentes e a vida ultrapassava os limites da existência. Era, conforme anotou Junito Brandão⁸, o fluir da vida no corpo do mundo. As pessoas não iam aos estádios apenas para assistir e torcer, mas, especialmente, para celebrar, contemplar e perpetuar a glória alcançada pelos desportistas.

Aquele é um local onde se encontram a exuberância do Belo, o *Kalos*, o Belo supremo de corpo, alma e movimento da arte desportiva. Salis⁶ considera que *Kalos* é aquela sensação maravilhosa que sentimos quando vislumbramos uma obra de arte, uma sinfonia e as coisas mais sublimes; quando vemos ou realizamos uma ação desportiva que nos causa assombro e que nos desperta a alma, atingimos o *Kalos*. O estádio grego tinha a função de um catalisador do Belo: uma grande iniciação e uma grande pedagogia.

Evidentemente, nos espaços de competição, havia os vitoriosos, e havia também os derrotados. E o fato da prática desportiva registrar resultados de vitórias e derrotas nos oferece a oportunidade de discutir o viés filosófico e pedagógico dessa experiência.

John Wooden, considerado o maior treinador de basquetebol dos Estados Unidos da América, disse que não consegue entender o motivo que as pessoas sentem tanto receio em enfrentar desafios e adversidades, se sabemos que somente quando os enfrentamos é que crescemos⁹. Da mesma maneira, Michael Jordan tornou público que errou, falhou e perdeu inúmeras vezes, mas o seu sucesso foi não ter desistido nunca.

A deusa Atena é a filha preferida de Zeus – o mais poderoso dos deuses – e, em muitas ocasiões, é cognominada *Nikê**: a vitória. Ou seja, em muitas ocasiões *Nikê* é a própria expressão e extensão de Atena. Como Atena

é também conhecida como a deusa da sabedoria, podemos interpretar que Vitória é o resultado de um processo que alia o poder e a sabedoria: a vitória é gerada no ventre da sabedoria (Atena) e assistida pelo poder e pela justiça (Zeus). A vitória pode trazer poder, *status*, reconhecimento; mas, se usada sem sabedoria, ao invés de felicidade, os atletas, os políticos, os artistas podem encontrar a desventura. Pela inspiração mitológica, devemos, diante da vitória e da derrota, adotar uma atitude de simplicidade e de serenidade, pois a deusa *Nikê* não traz somente a notícia da vitória, mas também a notícia de que esta não dura muito tempo¹⁰; do mesmo modo que a derrota também não. Estamos diante de uma lei universal, a da impermanência: as ações humanas e os seus resultados, por mais importantes, satisfatórios e extraordinários que sejam, não são eternos; e, ao desconhecer (desobedecer) a lei, os homens facilmente se deixam levar pelo orgulho desmedido, pela arrogância e pela arbitrariedade, aquilo que os antigos chamavam de *hybris* ou desmedida. Portanto, a consciência pedagógica aconselha que devemos ter, tanto na vitória como na derrota, uma atitude equilibrada e serena, pois o que perdura são as lições, as lembranças, as histórias, a realização dos sonhos e a percepção de que tanto a vitória como a derrota são agentes de excelência pedagógica e que, vistos dessa maneira, nos oferecem um toque de invencibilidade antes mesmo de a competição começar.

A relação mítica entre Apolo e Dioniso pode fortalecer essa meditação. Ambos estão entre as maiores divindades do panteão olímpico e são forças, ao mesmo tempo, antagônicas e complementares. Por um lado, o elemento apolíneo de Beleza, equilíbrio e racionalidade; por outro, o elemento dionisíaco do concreto, da ambivalência e do irracional. Mas vejam que belo aforismo, comentado por Salis⁶: quem não souber descer jamais estará preparado para subir. Aqui está o significado pedagógico dessa relação mítica que, de alguma maneira, nos ensina a reconhecer e confirmar que é por intermédio de um deus da simplicidade e da realidade, às vezes duras, da vida que se chega à conquista da luz da *aretê*: a luz de Apolo.

Há um ditado zen que diz: uma flecha que acerta o alvo é o resultado de cem erros. Portanto, o erro ou o fracasso é o caminho a ser percorrido pela dignidade humana que aprende com os seus próprios reveses.

Aretê

O caminho que conduz à superação da visão obstruída pelo vencer e perder é justamente a realização dos talentos: é muito mais frustrante não conseguir satisfazer a sede do talento do que a sensação momentânea da derrota. Ferry e Vincent¹¹ alertam que privar uma criança, ou um jovem, talentosa de praticar o seu desporto, irá torná-la infeliz,

* Em sua personificação, *Nikê* é representada com asas e voando com grande rapidez. Pertence à geração dos deuses anteriores aos Olímpicos, e o escritor grego Hesíodo a identificava como filha do Titã Palas e de Estige. Outra tradição a reconhecia como tendo sido criada por Palante, que lhe teria consagrado um templo no cimo da sua colina, em Roma, o Palatino. Em Atenas, *Nikê* é apenas um epíteto de Atena. A deusa Atena é, muitas vezes, denominada Palas Atena; daí que Palas seja considerado um epíteto ritual de Atena.

pois a verdadeira felicidade está na atualização tão completa quanto possível das virtualidades naturais. Portanto, para Salis⁶, a realização de talentos não é nada mais nem nada menos que a realização cada vez maior de si mesmo, e isso tem como guia a Beleza imanente e transcendente da *aretê*! Quem não se admira com uma jogada arquitetada com arte e requintes de genialidade: um drible, o chute com a precisão de um ourives, o salto acrobático que desafia as leis da gravidade e dos laboratórios. Antigamente, quando você demonstrava que tinha um talento, as pessoas diziam “aproveite bem o deus que existe dentro de você”.

Na verdade, a realização dos talentos ainda é causada por essa ideia do Belo que temos dentro de cada um de nós e que orienta e sustenta a construção, o fortalecimento e a elevação da própria pessoa: uma ideia que tem a ver com a busca da perfeição!

A realização dos talentos reativa a ousadia da aventura no desconhecido. Os desportistas, assim como os grandes gênios, tiveram a coragem de buscar a excelência e o Belo no inexistente e no desconhecido. Os talentos e as potencialidades são íntimos da verdade, da criatividade, da coragem, da recriação e da recreação: são os escudos dos heróis que rechaçam o caos!

Ouçam o que falou um filósofo⁶ sobre o futebol. Por que tantos talentos do futebol aparecem por aqui? O que acontece com esse processo de educação não escolar, mas cultural? O futebol é o culto nacional de talentos, podendo ser visto como uma dança, uma ginástica, uma arte marcial até! Por que se tornou um talento tão popular? É muito raro acontecer com a matemática, por exemplo, pois não existe uma cultura informal que abra as portas para ela; mas existe uma cultura informal que abre as portas para o futebol. Trata-se de uma atenção silenciosa que permite o florescimento desse talento e que enche de paixão a garotada; cada um quer ser o mais belo possível nesta arte de driblar dançando. Prestem atenção em como os grandes talentos do futebol literalmente dançam com a bola. Uma das chaves está aqui: colocou-se o *Eros*, quer dizer, colocou-se paixão nessa tarefa⁶. Mas como desenvolver essa diversidade de talentos que desfila no palco desportivo? Em nossa opinião, imaginamos que uma possibilidade é a pedagogia da *aretê*.

Os antigos chamavam de *aretê* a essência e a expressão do valor do Ser, a sua Beleza fundamental e que se manifestava na alegria, e o entusiasmo de ações que expressam excelência e perfeição. Uma esfera na qual os horizontes não se estreitam, ao contrário, se abrem e se alargam para a realização de si próprio. E o caminho para essa experiência passa necessariamente pela concretização dos talentos. Nada é mais engrandecedor e elevado do que cumprir a missão para a qual se foi designado pelo recado divino, contido na *aretê*. Essa é a essência, é o toque mágico e apaixonante do qual derivam os talentos. *Aretê* é o chamamento para se fazer cumprir o destino. Uma vez que apoia o desenvolvimento máximo dos talentos, estes, levados até a excelência, farão com que você se torne uma obra de arte ética e criadora⁶, com verdadeiro *status* de uma

verdadeira Paideia desportiva.

Para nós, o cerne da experiência desportiva é a *aretê*: uma potência criativa e realizadora que unifica o ambiente, a ação, o seu realizador e as suas testemunhas. É fazer surgir da arte imaginativa e criativa, expressa pelo domínio do corpo e dos sentidos, uma Beleza cuja esfera é a da divindade; todos vivem a magia do momento na luz de Apolo. Eis aqui, talvez, o mistério do desporto! Ao que nos parece, nunca se atingiu, durante o período civilizatório, tamanha agudeza de reflexão em construir um homem a partir dele mesmo e torná-lo obra de arte, colocando-o a serviço de si e do outro para a mais elevada concepção de civilidade que o sentido filosófico e pedagógico possui e que emana da *aretê*⁶.

A Paideia, sendo um modo pedagógico de se tratar os conteúdos da *aretê*, encontra no desporto um espaço de cultura (formal e informal) para edificação e integralidade do homem e da sua humanidade. É por intermédio do exercício de polimento interior e exterior que se explica a atividade educativa e purificadora do pensamento, da vontade e da ação na conexão entre conhecimento e ação boa, um sonho de Beleza e perfeição que brota da inteireza do ser humano e que os antigos contemplavam nos certames desportivos.

Aretê é a fórmula divina que nos deixa apaixonados pela vida. Quando somos flechados pelo amor à vida, é quando, conforme acontece na prática desportiva, as ações mais simples se transformam em verdadeiras obras de arte. Desse modo, nasce o apelo, um chamamento silencioso e incisivo, para a descoberta, a prática e a realização dos talentos cuja efetivação nos eleva e nos dignifica conforme quer a eterna Paideia.

Essa é uma das maneiras pela qual o desporto pode ser um exemplo para a sociedade¹².

Considerações Finais

O desporto é mais do que um confronto entre pessoas, clubes, estados e nações na busca, muitas vezes, desenfreada por resultados. Ao contrário, os significados, os sentidos, os princípios e os valores que iluminam a tarefa desportiva fazem dela mais do que uma diversão, um lazer e uma competição. É nesse cenário de intensas representações que podemos considerar que o *agon* é apenas a ponta do *iceberg* lúdico. A natureza agônica do desporto e a mediação do *lúdens* exaltam a tarefa humana como arte sublime da recriação, dando a essa obra o sentido de éxtase.

O estádio é o umbigo do mundo e, com isso, atinge o estágio de lar ancestral da diversidade das manifestações humanas. Há nele um canal de comunicação com a dimensão do Olimpo onde os deuses assistem às realizações humanas e se deleitam com a substância emanada das mesmas: um espaço cósmico cuja representação e dramaticidade correspondem àquilo que é o mais genuíno, a própria vida.

Especialmente, os talentos desportivos são motivo de uma enorme diversidade. É mediante o desenvolvimento dos talentos desportivos que a criança, o jovem e o adulto

têm a oportunidade de se aliar, sob a batuta da *aretê*, aos deuses na continuidade da obra divina, ou seja, um belo sentido de unidade.

Sem nos afastarmos do fio condutor da nossa discussão, a Paideia, podemos considerar que o desporto, como fenômeno cósmico, é o lugar onde a chuva de cores e o calor do sol da diversidade regam o solo por onde brotam os diversos talentos: uma obra de essência interior.

Quando se realiza o talento é como se a luz da *aretê* brilhasse no interior do desportista, promovendo uma transformação pelo brilho da felicidade. Trata-se de uma experiência simbólica, talvez mística, que a pedagogia moderna precisa recuperar a fim de dar ao homem condições de torná-lo herói da sua própria vida, aquele que emprega uma luta sem tréguas para transformar o dom em iluminação.

Há majestosos estádios e pequenas praças, há talentos extraordinários e há os esforçados, há uma abundante e rica referência aos heróis desportivos na perspectiva tanto do agônico como do lúdico, há derrotas e há vitórias, há desafios e superação, e há um número elevadíssimo de fatos, experiências, sentimentos, modelos, modalidades, dimensões, significados, valores e sentidos que sustentam e promovem a diversidade do desporto. Mas, quando a obra desportiva – autêntica, verdadeira e heroica – surge aos olhos de todos, há a sensação de intimidade, de (re)ligação e encontro. Ela vem para despertar e assumir um espaço dentro de cada um de nós que deve ser preenchido por estar incompleto: um momento raro e fugidio de plenitude e Beleza que, embora muito rápido, tem consequências eternas. Esse é o sentido da Paideia que vislumbramos para essa discussão e que representa um sentido profundo: o da (uni)diversidade do desporto.

Referências

1. Costa A. À Volta do Estádio: O Homem, o Desporto e a Sociedade. Porto: Campo das Letras - Editores S.A.; 1997.
2. Watts A. Tao: O curso do rio. São Paulo: Editora Pensamento; 1975.
3. Campbell J. Mito e Transformação. São Paulo: Ágora; 2008.
4. Bento JO. Desporto e Lusofonia: um traço de união. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2006.
5. Urbano C. O Canto do Marítimo: O Espírito Agônico no Humanismo. In: Oliveira, F. O Espírito Olímpico no novo milênio. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; 2000. p.183-195.
6. Salis VD. Paidéia: Para Formar um Homem “Obra de Arte, Ético e Criador” no séc. XXI. São Paulo: Editado pelo autor; 2007.
7. Savater F. O meu Dicionário Filosófico. Lisboa: Dom Quixote; 2000.
8. Brandão J de S. Mitologia Grega. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. 3 v.
9. Wooden J, Jamison S. Jogando para Vencer: a filosofia de sucesso do maior técnico de basquete de todos os tempos. Rio de Janeiro: Sextante; 2010.
10. Cousineau P. O ideal olímpico e o héroi de cada dia. São Paulo: Mercury; 2004.
11. Ferry L, Vincent J. O que é o Homem? Sobre os fundamentos da Biologia e da Filosofia. Porto: Edições ASA; 2003.
12. Garcia, RP. Desporto com Jovens: uma abordagem referenciada à ética. Conferência proferida no IV Fórum Brasil – Esporte, Rede CENESPE, promovido pela Universidade Federal de Minas Gerais; 2006.